

DIREITOS VIOLADOS E GRUPOS DE APOIO: INTERVENÇÕES LOGOTERÁPICAS COM RESPONSÁVEIS DE ADOLESCENTES USUÁRIAS DO CENTRO DE REFERÊNCIA ESPECIALIZADO DE ASSISTÊNCIA SOCIAL

VIOLATED RIGHTS AND SUPPORT GROUPS: LOGOTHERAPEUTICAL INTERVENTIONS WITH LEGAL GUARDIANS OF ADOLESCENT USERS OF SPECIALIZED REFERENCE FOR SOCIAL ASSISTANCE

**Lorena Bandeira da Silva, Denis Victor Lino de Sousa, Edivan Gonçalves da Silva Júnior,
Josiane de Aquino Nogueira, Leonam Amitaf Ferreira Pinto de Albuquerque**

Universidade Estadual da Paraíba

Resumo. O presente estudo resultou de uma prática de extensão realizada com responsáveis legais de adolescentes usuárias dos serviços oferecidos pelo Centro de Referência Especializado de Assistência Social (CREAS I) da cidade de Campina Grande. Objetivou-se proporcionar a estes responsáveis um espaço de facilitação da ressignificação dos fatos ocorridos, com base nos pressupostos teóricos da Logoterapia e do trabalho em grupos de apoio. Participaram em média 20 adultos, do sexo masculino e feminino, maiores de 18 anos. As intervenções foram distribuídas em 6 encontros que ocorreram quinzenalmente, durante o 2º semestre do ano de 2013. Os resultados obtidos apontam para a importância exercida pelo grupo de apoio na facilitação do processo de ressignificação da situação de sofrimento, consequente da violação de direitos vivenciada por adolescentes usuárias do CREAS.

Palavras-chave: violação de direitos; grupo; logoterapia.

Abstract. This study is the result of an extension activity performed with legal guardians of adolescent users of the services offered by Specialized Reference for Social Assistance (CREAS I) at Campina Grande. The main objective was to provide a space for those guardians to facilitate the reframing of the facts occurred, based on the theoretical assumptions of Logotherapy and work in support groups. About 20 adults, male and female, over 18 years old attended this activity. The interventions were divided into 6 biweekly meetings that occurred during the 2nd semester of 2013. The results point to the importance exerted by the support group in facilitating the process of reframing the situation of suffering, resulting from violation of rights experienced by female adolescent users of CREAS.

Keywords: rights violations; group; logotherapy.

INTRODUÇÃO

Os direitos fundamentais, concebidos no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), denotam que todas as crianças e adolescentes devem ser reconhecidos como sujeitos de direitos garantidos por lei. Estes abrangem desde o direito à vida e à saúde, à liberdade, ao respeito e à dignidade até a convivência familiar e comunitária, entre outros.

Entretanto, apesar da existência do ECA e da clareza de seus artigos, muitas crianças e adolescentes continuam tendo seus direitos violados. Conforme informações do DATASUS (2005), no Brasil, as agressões constituíram a primeira causa de óbito na faixa etária de 0 a 19 anos de idade (39,7%), com proporção expressiva na faixa etária de 15 a 19 anos (55,1%), em 2005.

No contexto dessas ocorrências, há em geral fortes laços de sentimentos que envolvem as vítimas e seus agressores, colaborando para que as violações sofridas possuam maior impacto biopsicossocial para os envolvidos. Além dos efeitos produzidos nos adolescentes – traumas físicos, emocionais, vulnerabilidade etc. – a violação de direitos também acarreta em sérias consequências para os responsáveis das vítimas, estando a ocorrência dos fatos diretamente implicada nos recursos emocionais dos cuidadores, dentro do funcionamento familiar. Aos responsáveis, é necessário preparo e condições emocionais para lidar com as mudanças de comportamento do adolescente, incluindo fugas do lar, diminuição no rendimento escolar, dentre outras. (Koller & Antoni, 2004; Thomas et al., 1997).

Em meio à problemática em questão, o trabalho em grupo surge como importante ferramenta no processo de resignificação dos traumas provocados pela violação de direitos, em ambas as partes envolvidas (adolescentes e responsáveis). No caso dos responsáveis em particular, a técnica de grupos de apoio apresenta-se como um instrumento fundamental de auxílio quanto ao receio e à angústia resultantes da atitude de denúncia e enfrentamento da violação dos direitos dos adolescentes.

Embora sejam poucas as produções acadêmicas no campo da Logoterapia, no que diz respeito ao trabalho em grupo, Frankl (2005) reconhece que, quando pensado corretamente, o grupo favorece a autoexpressão de cada participante, assim como promove sua autotranscendência. No grupo, os participantes são estimulados a expor e compartilhar suas angústias, medos, dúvidas e sofrimento num processo de busca de sentido.

Nessa perspectiva, a intervenção realizada visou, à luz da Logoterapia, dar suporte – por meio de intervenções pautadas na técnica de grupos de apoio – aos responsáveis legais no enfrentamento e resignificação dos efeitos da violação de direitos cometida contra adolescentes, atendidas pelo Centro de Referência Especializado de Assistência Social (CREAS I) da cidade de Campina Grande-PB.

Participaram do grupo de apoio 20 adultos, de ambos os sexos, maiores de 18 anos; e as intervenções – distribuídas em 6 encontros que ocorreram quinzenalmente, durante o 2º semestre do ano de 2013 – foram desenvolvidas,

basicamente, com a utilização de dinâmicas de grupo.

VIOLAÇÃO DE DIREITOS HUMANOS

O termo “direitos humanos” apresenta-se em contínua redefinição. De acordo com Mello (2000), não há um conceito doutrinário definido para a expressão. Para o autor, tais direitos incluem todas as exigências morais e políticas que todo ser humano têm perante sua sociedade ou governo. A violação desses direitos pode, então, ser entendida como o uso intencional de força física ou poder, contra si mesmo ou outra pessoa, que resulte em lesão, morte, dano psicológico, mau desenvolvimento ou privação (World Health Organization [WHO], 1999).

De acordo com o art. 17 do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) (Brasil, 2010), o direito ao respeito consiste na proteção “da inviolabilidade da integridade física, psíquica e moral da criança e do adolescente, abrangendo a preservação da identidade, dos valores, ideias e crenças, dos espaços e objetos pessoais”(p. 16). O art. 5º ainda reforça o princípio de que “nenhuma criança ou adolescente será objeto de qualquer forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão”(p. 12). Ainda no âmbito da Convenção acerca dos Direitos da Criança, é assegurado às crianças e aos adolescentes o direito de, além de se desenvolverem no aspecto físico, mental e moral, também no espiritual e social (art. 27).

Contudo, apesar da existência dessas leis, muitas crianças e adolescentes continuam tendo seus direitos violados. De acordo com informações do Portal Brasil (2012), o número

de denúncias feitas por meio do Disque 100 alcançou 155.336 registros entre o período de janeiro a novembro de 2012. Dados do Disque 100 revelam que a violação mais recorrente contra crianças e adolescentes é a negligência, seguida de violência psicológica, violência física e violência sexual.

Nesse contexto, em meio ao trabalho com adolescentes vítimas de violação de direitos, encontram-se também os responsáveis por procurarem os serviços de proteção. O inconformismo e a atitude fatalista ou a negação, a culpabilidade e o inconformismo podem ser reações apresentadas por estes responsáveis frente ao impacto da violência. Tais reações podem dificultar a tomada de uma atitude por parte destes sujeitos no processo de superação do acontecido e proteção ao adolescente, convertendo esta situação de enfrentamento em um processo de rotulação, em que o adolescente sofre com a revitimização decorrente dos processos jurídico-sociais que estes atravessam (Aquino, 2010; Yebra, 2000 citado por Santos, 2012).

Considerando as consequências decorrentes da violação de direitos, é de fundamental importância que sejam prestados à vítima e seus responsáveis legais, assistência, apoio e incentivo necessários para a ressignificação dos fatos ocorridos, impedindo que os traumas da violência interfiram na sua vida pessoal, familiar e social. Nesse sentido, os grupos de apoio – dentre outros espaços de possibilidades de assistência às vítimas de violação de direitos – podem exercer grande importância nesse processo.

PRINCÍPIOS BÁSICOS DA LOGOTERAPIA

O pressuposto básico da Logoterapia, abordagem desenvolvida por Viktor Emil Frankl, é de que toda pessoa possui um sentido próprio para sua vida (Frankl, 1991a), sendo-o alcançado através da realização de valores, quais sejam: os valores de criação, os valores de experiência e os valores de atitude. Quando o sujeito experimenta que é capaz de dar algo ao mundo, ele realiza os valores de criação; quando percebe que além de dar algo ao mundo, também pode receber, ele realiza os valores de experiência; e os valores de atitude são realizados quando o sujeito consegue posicionar-se diante das situações de sofrimento (Xausa, 1988).

A motivação fundamental da existência é a vontade de sentido, no entanto, para algumas pessoas, o alcance do sentido é frustrado. Em situações na qual o homem sente-se faltoso de sentido, evidencia-se o vazio existencial, como conceitua Xausa (1988): “é um profundo sentimento de que a vida não tem sentido (...) um problema verdadeiramente humano” (p. 149).

Em situações de violação de direitos, é comum que os pais e/ou responsáveis sintam-se vazios existencialmente, clarificados por atitudes fatalistas, colocando-se na posição de vítimas; conformista, agindo de acordo com o que os outros agem; e totalitarista, agindo de acordo com o que os outros indicam (Aquino, 2010). Todas essas situações demonstram uma falta de contato com sua própria dimensão de ser, a fim de encontrar a melhor maneira para si de superar determinada situação.

Para Frankl (1991a), o sofrimento é caracterizado pela tríade trágica: dor, culpa e morte, que geram no homem uma sensação de profunda incapacidade diante das situações. No entanto, para o autor, o sofrimento, mesmo sendo inevitável, proporciona amadurecimento para o homem, a partir das tomadas de decisões (valores atitudinais) que a situação exige.

O homem é um ser de inúmeras possibilidades e escolhas, no entanto, tais escolhas precisam ser responsáveis, devendo o homem arcar com as suas conseqüências (Frankl, 1991a). Escolhas responsáveis realizadas em consonância com os valores do sujeito e, direcionadas ao sentido, geram autotranscendência, caracterizada como a “capacidade do homem de sair de si mesmo e voltar-se para algo ou alguém que está além de si próprio” (Aquino, 2010, p. 34).

A Importância dos Grupos de Apoio à Luz da Logoterapia

Entre as possíveis técnicas de atendimento psicossocial, encontra-se o trabalho em grupo, denominado por Ribeiro (1994), como sendo “uma realidade maior e diferente da soma dos indivíduos que o compõe” (p. 10), constitui um espaço de imensas possibilidades e tem em sua essência o poder de transformação, de escutar, de sentir e compreender o processo de significação do viver e do responsabilizar-se.

O grupo de apoio constitui uma forma de auxiliar o indivíduo a lidar com os problemas pelos quais se está passando. De modo geral, os grupos de apoio são formados com a participação de facilitador(es), onde o objetivo (problema pelo qual os participantes estão

passando) constitui o fator que define o tipo de trabalho, havendo uma flexibilidade na medida em que os participantes mostram suas necessidades (Zago, 1997).

Vale destacar que o grupo forma-se em meio a uma esfera de apoio mútuo, onde os indivíduos compartilham os traumas vividos e, frente ao ocorrido, necessitam de suporte para enfrentá-los. De acordo com o Conselho Federal de Psicologia (2009) a opção pelo trabalho em grupo, no caso da atenção psicossocial às vítimas de violação de direitos e seus familiares é explicada pelo fato de que o grupo estabelece um espaço de conscientização e participação, no qual o processo interpessoal é transformado em processo intrapessoal, e onde o sujeito exerce o papel de ator principal de seu desenvolvimento.

Nessa perspectiva, salienta-se a importância do trabalho em grupo, partindo da visão existencial-humanística que embasa os fundamentos da Logoterapia, entendido como um espaço natural ao homem, de facilitação na descoberta de significados e ampliação dos horizontes da realidade vivenciada (Osório, 2007; Aquino *et al.*, 2011). Embora sejam poucos os trabalhos no campo da Logoterapia no que diz respeito ao trabalho em grupo, Frankl (2005) reconhece que, quando pensado corretamente, o grupo favorece a autoexpressão e autotranscendência de cada participante. As trocas de experiências vividas, as discussões que fomentam na busca de sentido vital constituem o que Frankl chamou de hiperdiscussão, processo de fortalecimento e estimulação do homem no preenchimento do vazio de sentido (Frankl, 2005; Aquino *et al.*, 2011).

MÉTODO

Local

As intervenções foram realizadas na unidade do Centro de Referência Especializado de Assistência Social - CREAS I do município de Campina Grande. Tal unidade atende crianças e adolescentes vítimas de abuso, violência e exploração sexual, bem como seus familiares e/ou responsáveis legais.

Participantes

Fizeram parte do presente projeto 20 adultos – de ambos os sexos – maiores de 18 anos, responsáveis por acompanhar adolescentes no serviço de proteção social a crianças e adolescentes vítimas de violação de direitos. O recrutamento se deu a partir da aceitação dos participantes, através da assinatura de um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Tipo de Intervenção

As intervenções realizadas foram pautadas no trabalho em grupo, segundo a referência da abordagem logoterapêutica. Dentre as modalidades de grupo, adotamos a proposta terapêutica embasada na constituição de grupos espontâneos, denominados em nossa proposta de intervenção de “grupos de apoio”, funcionando como um espaço de acolhimento para os responsáveis que vivenciam a violação de direito cometida contra o adolescente em seu meio intrafamiliar. Em relação ao desenvolvimento do enquadre grupal, o grupo se constituiu heterogêneo e aberto.

Procedimentos

Como forma de primeiro contato, foi realizada uma palestra com a apresentação da proposta de trabalho a ser desenvolvida no CREAS I para os responsáveis legais das adolescentes, usuárias do serviço. As intervenções foram distribuídas em 6 encontros que ocorreram quinzenalmente, entre os meses de agosto a novembro do ano de 2013. O tempo estimado para cada encontro foi de aproximadamente 1 hora.

Durante os encontros foram feitas explanações acerca dos temas em pauta, através de diálogos, informações e levantamento de reflexões. O início de cada encontro seguiu alguns princípios básicos, tais como: apresentação resumida da temática a ser trabalhada durante o encontro; estímulo à participação dos componentes do grupo; e discussão dos temas a partir dos relatos trazidos pelos participantes. Para além dos delineamentos gerais, acima mencionados, houve em cada um dos encontros, procedimentos específicos de acordo com as temáticas a serem trabalhadas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As análises dos encontros serão apresentadas e discutidas de acordo com as intervenções executadas, para melhor entendimento e avaliação dos objetivos propostos. Os resultados foram discutidos conforme os pressupostos da Logoterapia.

Primeiro Encontro

O primeiro encontro realizado teve como objetivo promover o desenvolvimento da integração grupal, inicialmente através da

apresentação dos facilitadores e de cada participante, seguida da exposição da proposta de trabalho do grupo, explicando o tempo de duração dos encontros e a importância do sigilo (contrato). No segundo momento houve a abertura de um espaço de autoexploração, no qual os participantes puderam compartilhar um pouco de sua história. Deste modo, buscou-se neste primeiro momento, promover um espaço de acolhimento aos usuários do CREAS e a partir dos trabalhos desenvolvidos, facilitar a ressignificação de sua situação atual de fragilidade.

Segundo Gomes (2009), o ato de acolher exige uma disponibilidade para escutar e valorizar as particularidades de cada sujeito e com isso promover condições para a expressão de seu sofrimento, bem como sua possível elaboração. Trata-se da adoção de uma postura ética e humanizada, de construção de uma relação de confiança e compromisso entre os envolvidos no processo de prestação de serviços (Neves & Rollo, 2006). Considerou-se, portanto, a partir dos trabalhos desenvolvidos com o grupo, a importância do processo de acolhimento para o estabelecimento de vínculos e, conseqüentemente, para o desenvolvimento de valores vivenciais que, na Logoterapia, constituem um fator importante na busca de sentido e transcendência. Destarte, os valores desenvolvidos a partir da criação de vínculos permitem mais facilmente aos participantes a possibilidade de encontrar sentido nas atividades então realizadas.

Vale destacar, que a postura acolhedora norteou as intervenções subsequentes, tendo em vista os objetivos de facilitação da autotranscendência por parte dos participantes,

bem como o auxílio no desenvolvimento de estratégias de enfrentamento diante da situação de violação.

O processo de autoexploração, estimulado a partir da dinâmica “O fio da vida” – técnica que utilizou um barbante para representar, através de nós feitos pelos participantes, os momentos bons e ruins de sua vida– constituiu uma oportunidade para os usuários refletirem sobre os sentimentos resultantes do acompanhamento das adolescentes usuárias do serviço oferecido pelo CREAS. Os momentos representados pelos nós no barbante diziam respeito a eventos de vida passados, que ainda repercutem em sua história presente, além de guardar, em muitos dos casos, relação com as situações de abuso e violação dos direitos das adolescentes. Tais resultados podem ser visualizados a partir dos seguintes discursos:

“Um momento muito difícil na minha vida aconteceu quando perdi meu marido num acidente e desse momento em diante o meu filho começou a se envolver com drogas.” (P1)

“Minha nora abandonou meu filho com duas crianças, e logo em seguida, ele foi morar na rua porque não suportou a dor [...] só depois de muito tempo consegui trazer meu filho pra morar dentro de casa, mas ainda hoje continuo criando minhas netas.” (P2)

Os eventos relatados pelos participantes foram relacionados ainda aos motivos que os levaram a procurar os serviços de assistência especializados, tendo em vista a gravidade dos casos vivenciados por seus familiares.

Os discursos produzidos pelos participantes demonstraram a sua implicação no

processo de acompanhamento às adolescentes, usuárias do CREAS, bem como revelaram a sua disposição em participar das atividades do projeto, como forma de tentar superar sua situação atual de sofrimento. A partir de tais condições, vale destacar, conforme aponta Frankl (1991b), que o homem só se torna homem e só é completamente ele mesmo quando consegue se dedicar a uma tarefa que exige o esquecimento de si, para então servir a uma determinada causa. Refere-se neste trabalho, a intenção de doação destes participantes a uma causa que embora seja geradora de sofrimento e angústia, revela suas aspirações por condições melhores de vida para seus familiares.

Em se tratando da dedicação humana a uma causa na vida, diz-se que o homem pode realizar algo criando (valores criadores), experimentando vivências (valores vivenciais), e sofrendo (valores de atitude). Tais valores podem ser relacionados às experiências relatadas pelos participantes. Percebe-se que em diferentes momentos de sua vida, os mesmos têm experienciado momentos difíceis que os colocaram em situações extremas e que exigem a tomada de uma postura diante do ocorrido (valores atitudinais). Neste caso, a exposição de uma diversidade de problemáticas pelos participantes –abuso sexual, exploração sexual, negligência, entre outras – revela uma situação de frustração e sofrimento que os impulsionou a buscar um auxílio no programa (Frankl, 1986).

Segundo Encontro

Neste momento, no qual se trabalhou a partir da música “É preciso saber viver” e cujo objetivo foi promover uma reflexão, junto aos

participantes, sobre os medos e esperanças relativos ao enfrentamento da violação de direitos sofrida pelos adolescentes, vários discursos surgiram.

Para uma das participantes que enfrenta um problema com a filha de 13 anos (usuária de drogas):

“Mesmo que escolhamos o caminho do bem, para nós e para o outro, nem sempre o outro vai optar pelo caminho do bem.” (P4)

Contudo, mesmo em meio às adversidades nas quais a participante está inserida, ela reconheceu que há sempre uma esperança de conseguir resgatar a filha das drogas, o que demonstra que, um dos sentidos na vida dela, naquele momento, era lutar pela filha, o que coaduna com a ideia de Frankl (1991b), quando este afirma que “a vida se torna potencialmente significativa sob quaisquer circunstâncias” (p. 89).

Outra participante demonstrou uma percepção um pouco semelhante. Neste caso, ela expôs a necessidade de termos a vida como algo que precisa de um objetivo sempre, e que diante das dificuldades “*é preciso saber viver*” (P3).

Sua atitude frente a esta questão ainda repercutiu sobre suas dolorosas experiências com a história de abuso da sua neta. Neste momento foram expostas ao grupo suas dificuldades relativas à resistência de sua família em prosseguir com o trabalho jurídico, de condução do caso de sua neta. Tais resistências ocorrem devido ao fato do abusador ser um membro da família, e, portanto, passível de esquecimento. Mais uma vez a participante pode fazer conexões

com a letra da música trabalhada, ao relatar que as “pedras do caminho” precisam ser retiradas e que, por isso, não iria desistir de cuidar de sua neta e punir àquele que tanto lhe causou sofrimento.

Diante do relato desta participante é possível perceber os conceitos de liberdade e responsabilidade incutidos em suas ações. A busca pelo sentido da vida pressupõe fundamentalmente um homem livre e responsável. Segundo Frankl (1991b), é possível enxergar na transitoriedade da vida, uma forma de se realizar ações responsáveis, sendo-as escolhidas pelo sujeito. Escolhas responsáveis realizadas em consonância com os valores do sujeito e, direcionadas ao sentido, geram autotranscendência, caracterizada como a “capacidade do homem de sair de si mesmo e voltar-se para algo ou alguém que está além de si próprio” (Aquino, 2010, p. 34). Desse modo, a realização de um sentido é propriamente dotada de autotranscendência, o homem abre-se para o mundo. No caso desta participante, a ressignificação do problema ora enfrentado é a apreensão do sentido do sofrimento, onde ela amadurece e transcende, a partir das relações afetivas estabelecidas com sua neta.

Nessa ocasião, a discussão predominante esteve ligada ao fato de que é preciso aceitar as dificuldades e obstáculos que surgem, para que a partir dessa aceitação tenhamos condições de repensar estratégias, comportamentos, atitudes e resolução de tais dificuldades.

Terceiro Encontro

Este encontro teve por objetivo promover, junto aos participantes, uma reflexão

sobre os sentimentos decorrentes da violação de direitos e, a partir das reflexões, motivá-los a encontrar sentido no sofrimento ora enfrentado. Os responsáveis foram convidados a discutir comportamentos das adolescentes que lhe traziam alegria e orgulho, assim como outras ações que geravam tristeza ou descontentamento.

Os discursos produzidos pelos participantes nesse encontro mostraram a evidência da ressignificação do ocorrido ao perceber não somente os males causados pela violação, como também as possibilidades de enxergar algo de positivo em meio a tanto sofrimento. Essa ressignificação é expressa nas falas de duas participantes:

“Sabe, eu vi que isso nos aproximou mais sabe? Depois disso a gente tá mais junta, mais unida. Acho que isso foi o bom que aconteceu.” (P4)

“Depois de ouvir o caso de vocês eu vejo como meu problema é pequeno, eu devia dar graças a Deus.” (P5)

Diante deste relato, fica clara a importância do trabalho em grupo – partindo da visão existencial-humanística que embasa os fundamentos da Logoterapia – entendido como um espaço natural ao homem, de facilitação na descoberta de significados e ampliação dos horizontes da realidade vivenciada (Osório, 2007; Aquino et al., 2011).

Além disso, o primeiro discurso evidencia a realização de valores vivenciais a partir da reaproximação familiar, mesmo diante de uma situação trágica, corroborando o aspecto

de aprendizado a amadurecimento postulado por Frankl a partir do sofrimento.

Quarto Encontro

O encontro teve como objetivo trabalhar a percepção que os participantes têm construído sobre sua condição atual, levando em consideração aspectos do seu dia-a-dia e de sua história de vida. Ademais, através da aplicação da “Dinâmica do Espelho” – que consistiu em utilizar um espelho escondido no fundo de uma caixa como fator surpresa de modo que ao ver seu reflexo no espelho, os participantes foram estimulados a apontar e descrever suas qualidades ao grupo – buscou-se provocar no grupo um momento de autocompreensão, principalmente a autoestima e autocuidado.

Sabe-se que o trabalho de acompanhamento aos adolescentes usuários do CREAS exige a disposição e decisão, por parte dos seus responsáveis legais, para a resolução da situação de violação experienciada pelas vítimas. Ao mesmo tempo em que demanda esforços e sensibilidade dos mesmos no decorrer do processo de proteção e cuidado aos adolescentes (CFP, 2009). Tendo em vista tais exigências, faz-se necessário avaliar nos responsáveis os sentimentos, percepções e significados resultantes da situação evidenciada no atendimento às vítimas, de modo a contribuir para o incentivo de sua motivação, reforçando sua capacidade de decisão e elucidando, sempre que possível, a necessidade pela busca de um sentido (Pereira, 2013; Frankl, 1988; Lukas, 1992).

Quando questionadas sobre suas motivações e percepções com relação a sua

condição atual, as participantes do grupo atribuíram muitas de suas qualidades a aspectos relacionados ao cuidado e responsabilidade que as mesmas desenvolvem junto às adolescentes usuárias do CREAS. Destarte, esta condição de satisfação por desenvolver uma atividade de cuidado e proteção às vítimas, como uma decisão consciente, encontrou-se no discurso de todas as participantes do grupo, a saber:

“Eu me sinto especial porque criei seis filhos sozinha, crio minha neta também e trabalhei muito na vida.” (P3)

“Eu me sinto uma pessoa de valor porque sou uma profissional que trabalha para manter a família, tenho um filho, estudo.” (P6)

“Eu me sinto especial porque já sofri muito e continuo trabalhando.” (P7)

Vale destacar, conforme aponta Frankl (1986) que o ser humano é uma totalidade bio-psico-noética, de modo que esta última condição instaura uma tensão que se estabelece entre o homem e o sentido, entre o ser e o dever-ser. Nesta relação está presente a liberdade, com a qual se estabelece uma função especificamente humana, típica da dimensão noética humana, qual seja, o poder de tomar decisões (Lukas, 1992). Como forma preventiva de evitar crises, Lukas (1992) aponta a importância de se reforçar a capacidade de decisão da pessoa, no que se refere a um claro conhecimento do alvo (=conhecimento do sentido), pela tomada de uma decisão honesta (=vontade de sentido) e por certo treinamento (medidas de prevenção e terapia).

No decorrer do encontro houve a expressão de emoções pelas participantes, seja através do choro por relatar aspectos difíceis de sua existência, ou através de sorrisos que expressavam a sua satisfação por não desistir de exercer o cuidado com seus familiares. Destarte, foram vivenciados no grupo momentos de alegria e tristeza, nos quais as participantes tiveram a oportunidade de repensar algumas decisões tomadas e refletir sobre aspectos particulares de sua história.

Chegou-se por fim, a uma conclusão tomada pelo próprio grupo quando da missão particular que cada participante possui e da importância de manter condições mínimas de cuidado sobre si mesmo, como medida de preservação e fortalecimento de sua dimensão espiritual e de busca por um sentido. Tais resultados vão de encontro com os fundamentos propostos por Frankl ao acreditar que o indivíduo possui e nutre uma missão pessoal, e sua unicidade não se dá somente por suas características individuais, como também pela missão particular que possui (Rodrigues & Barros, 2009).

Quinto Encontro

Este encontro teve como objetivo discutir as mudanças ocorridas, depois da violação dos direitos das adolescentes acompanhadas, nos sentimentos mútuos de confiança existentes entre estes e seus responsáveis. Além disso, a partir da “Dinâmica da confiança”, na qual os participantes inicialmente ficavam todos juntos ao som de uma música tranquila, em seguida, sob uma música agitada - eles se separavam, ficando de olhos fechados, e por fim, uniam-se novamente,

abrindo os olhos -objetivou-se auxiliar os responsáveis em relação ao processo de reconstrução da confiança fragilizada entre eles e as adolescentes. Conforme Frankl (1986), a possibilidade de converter o já acontecido em algo de fecundo para a história interior do homem, nem de longe está em contradição com sua responsabilidade, mas antes numa relação dialética.

Nesse sentido, alguns discursos podem ser destacados enquanto objetos de análise. Uma das participantes, cuja neta foi abusada sexualmente por um vizinho, ressaltou:

“Como é difícil andar sozinha e sem ver (...) às vezes, precisamos enfrentar o mundo de olhos abertos.” (P8)

De acordo com Aquino et al. (2011), em situações de abuso, é comum que os responsáveis apresentem vazio existencial, clarificado por atitudes fatalistas, conformistas ou totalitaristas. Entretanto, percebe-se, mediante seu discurso, que essa participante não se deixou levar, no sentido passivo da expressão, pelo ocorrido com sua neta, assumindo uma posição responsável e afirmativa diante da vida e mantendo o sentido da sua existência.

Nesse caso, parte-se do pressuposto básico da Logoterapia de que toda pessoa possui um sentido próprio para sua vida (Frankl, 1991a), sendo-o alcançado através da realização dos valores de criação, experiência e atitude. A confiança, enquanto valor humano parece abranger todos essas categorias de valores, pois tanto se pode confiar no outro, como ser confiado e, além disso, esta pode prevalecer em situações difíceis, como no caso de uma

participante cujo filho é usuário de drogas. Conforme seu discurso, em meio à situação de sofrimento:

“Meus filhos são muito dependentes de mim, me concedendo toda confiança e, em consequência, responsabilidade.” (P9)

Percebe-se nos discursos dos responsáveis que a confiança vai muitas vezes de encontro com a responsabilidade. De acordo com Frankl (1991a), o homem é um ser de inúmeras possibilidades e escolhas, demonstrando sua liberdade, no entanto, suas escolhas devem ser responsáveis, o homem deve arcar com as suas consequências, principalmente em relação ao outro.

Por fim, mediante este encontro, foi possível promover um espaço de reflexão entre os participantes em relação ao processo de confiar e ser confiado pelo outro. Auxiliou-lhes principalmente na tomada de atitude diante de momentos nos quais os laços de confiança outrora estabelecidos com pessoas amadas encontram-se fragilizados, pois tal como afirmou Frankl (1986), a vida humana pode atingir sua plenitude não apenas no criar e vivenciar, mas também nos momentos difíceis, nos quais nos encontramos aparentemente sem saída.

Sexto Encontro

No último encontro – cujo objetivo foi promover o desligamento com o grupo, fazendo um percurso pelos encontros decorridos, a fim de obter informações acerca dos resultados obtidos – como *feedback*, os participantes relataram a satisfação por terem participado dos nossos trabalhos, afirmando que jamais

imaginavam receber um apoio tão importante, diante de situações difíceis de suas vidas.

Nesse momento, uma das participantes falou sobre a importância do desenvolvimento do trabalho em grupo, pois pode refletir sobre muitos pontos importantes da sua vida. Como depoimento, ela discorreu sobre a sua admiração pelos resultados obtidos com sua colega (também integrante do grupo). A participante relatou que sua companheira sempre se manteve muito calada, e que após os trabalhos do grupo ela passou a conversar bastante e contar pontos marcantes da sua vida. Relatos como este confirmam a ideia de Zago (1997), quando este expõe que o grupo de apoio constitui uma forma de ajudar o indivíduo a lidar com os problemas com o qual se está passando, é uma forma de compensar carências e encontrar, no espaço em grupo, um rumo para mudanças em suas vidas.

Outra participante relatou que, em meio a uma solidão que já estava lhe causando muito sofrimento, o grupo surgiu como uma oportunidade para que ela pudesse desabafar e aprender coisas novas. Expôs frequentemente que pode compreender fatos que antes jamais havia pensado, quando de seus problemas com sua neta e a família. Diante desses relatos, percebe-se a relevância do trabalho em grupo, partindo da visão existencial-humanística que embasa os fundamentos da Logoterapia, entendido como um espaço natural ao homem, de facilitação na descoberta de significados e ampliação dos horizontes da realidade vivenciada (Osório, 2007; Aquino et al., 2011).

Os resultados obtidos com o desenvolvimento desse projeto sugerem a eficácia que um grupo de apoio, baseado nos

princípios e na prática da logoterapia, pode ter no processo de superação e ressignificação na vida de responsáveis por adolescentes cujos direitos foram violados. De acordo com o discurso dos participantes, é perceptível a importância que o grupo de apoio em questão exerceu no sentido de modificar a maneira como cada integrante passou a enxergar o ocorrido, aceitando suas falhas e as de seus acompanhados, assim como reconhecendo que ambos têm qualidades, podendo ir mais além a ponto de enxergar aspectos positivos e construtivos em meio ao sofrimento que aquelas violações trouxeram para a suas famílias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através da realização das intervenções em grupo, com vistas a facilitar o processo de ressignificação e autotranscendência dos fatos ocorridos, houve a oportunidade de perceber a importância da abertura desse espaço nos Centros de Referência Especializado em Assistência Social, focado não apenas nos adolescentes que sofrem algum tipo de violação, como também naqueles que são responsáveis pelo seu cuidado e acompanhamento no serviço. Percebeu-se, portanto, que a situação ocasionada pela vitimização destes adolescentes, atinge também os seus cuidadores que entram em estado de sofrimento merecendo, assim, uma atenção devida.

O trabalho com grupo não constitui uma tarefa simples, em se considerando as dificuldades na adesão dos seus participantes, bem como a complexidade das problemáticas abordadas nos encontros. Atentamos para o fato de que muitos dos participantes contavam até mesmo com dificuldades para se locomoverem

para o serviço oferecido pelo CREAS, e conseqüentemente para os encontros propostos com a realização deste projeto, dado o seu baixo poder aquisitivo. No entanto, apesar de tais dificuldades enfrentadas, ressaltamos a importância do desenvolvimento deste trabalho para os participantes, visto que a presença dos mesmos, apesar das faltas em alguns encontros, sempre fora relatada como sendo significativa e de grande valia, tendo em vista a necessidade de compartilhar suas experiências, sentimentos, expectativas e angústias.

Considera-se, portanto, a relevância de trabalhar a autoexpressão e autotranscendência dos participantes, pelas vias do trabalho em grupo. As intervenções propostas, ponderadas as dificuldades presentes para a sua realização, contribuíram para que os participantes pudessem refletir sobre as suas possibilidades de desenvolver estratégias de enfrentamento em

resposta ao sofrimento causado pela situação de violação. Para tanto, trabalhou-se não com o conteúdo de seu sofrimento, mas principalmente, como alerta Frankl (1991a), com o posicionamento do sujeito frente à situação de sofrimento que tanto pode colaborar para a instauração do vazio existencial, como também pode contribuir para o encontro com o sentido da vida.

Por fim, atentamos para as contribuições deste trabalho na promoção de discussões no campo da Logoterapia no que se refere à problemática abordada, bem como no delineamento de intervenções em grupo. Entre outras possibilidades, buscou-se com a realização deste trabalho, aplicar as contribuições da teoria fundada por Victor Emil Frankl no serviço de média complexidade de atendimento aos indivíduos e às suas famílias, referendado pelo CREAS.

REFERÊNCIAS

- Aquino, T. A. A., Silva, J. P. da, Figueiredo, A. T. B. de, Dourado, E. T. S. & Farias, E. C. S. de. (2011). Avaliação de uma proposta de prevenção do vazio existencial com adolescentes. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 31(1), 146-159.
- Aquino, T. A. A. (2010). *Logoterapia e educação: fundamentos e prática*. São Paulo: Paulus.
- Brasil (2010). *Estatuto da criança e do adolescente*, 1990. (7a ed.). Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara.
- Conselho Federal de Psicologia (CFP). (2009). *Serviço de proteção social a crianças e adolescentes vítimas de violência, abuso e exploração sexual e suas famílias: referências para a atuação do psicólogo*. Brasília: CFP.
- DATASUS (2005). *Mortalidade por causas externas Brasil*. Brasília: Ministério da Saúde. Recuperado em 15 de fevereiro de 2014, de <http://datasus.saude.gov.br/>.
- Fabry, J. (1984). *A busca de significado*. São Paulo: ECE.
- Frankl, V. (1985). *Em busca de sentido*. Petrópolis: Vozes.
- Frankl, V. (1986). *Psicoterapia e sentido da vida*. São Paulo: Quadrante.
- Frankl, V. (1988). *The will to meaning*. Nova Iorque: Meridian Books.

- Frankl, V. (1991a). *A vontade de sentido: fundamentos e aplicações da logoterapia*. São Paulo: Paulus.
- Frankl, V. (1991b). *Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração*. Petrópolis: Vozes.
- Frankl, V. (2005). *Um sentido para a vida: psicoterapia e humanismo*. São Paulo: Santuário.
- Gomes, N. A. (2009). *Critérios utilizados por trabalhadores para a inclusão de adolescentes em serviços públicos de saúde mental*. Dissertação de Mestrado, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Koller, S. H., & Antoni, C. de. (2004). Violência intrafamiliar: Uma visão ecológica. In: S. H. Koller (Org.), *Ecologia do desenvolvimento humano: Pesquisa e intervenção no Brasil* (pp. 293-310). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Lukas, E. (1992). *Prevenção psicológica: a prevenção de crises e a proteção do mundo interior do ponto de vista da logoterapia*. Rio de Janeiro: Vozes.
- Mello, C. D. de A. (2000). *Curso de direito internacional* (6a ed.). Rio de Janeiro: Freitas Bastos.
- Neves, C. A. & Rollo, A. (2006). *Acolhimento nas Práticas de Produção de Saúde*. (2a ed.) Brasília, Brasil. Ministério da Saúde. Núcleo Técnico da Política Nacional de Humanização.
- Osório, L. C. (2007). *Grupoterapias: abordagens atuais*. Porto Alegre: Artmed.
- Pereira, I. S. (2013). *A ética do sentido da vida: fundamentos filosóficos da logoterapia*. Aparecida, São Paulo: Idéias e Letras.
- Pinheiro, F. M. L. (2008). *A Teoria dos Direitos Humanos*. In VI Congresso Brasileiro de Operadores e Estudantes de Direito. Fortaleza, CE.
- Portal Brasil. (2012). *Denúncias de violação a direitos humanos crescem 77% em 2012*. Recuperado em 20 de fevereiro, 2014, de <http://www.brasil.gov.br>.
- Ribeiro, J. P. (1994). *Gestalt-terapia: o processo grupal – uma abordagem fenomenológica da teoria de campo e holística*. São Paulo: Summus.
- Rodrigues, L. A. & Barros, L. A. de. (2009). Sobre o fundador da logoterapia: Viktor Emil Frankl e sua contribuição à psicologia. *Estudos*, Goiânia, 36(1/2), 11-31.
- Santos, C. A. (2012). *Enfrentamento da revitimização: a escuta de crianças vítimas de violência sexual*. (1a ed). Rio de Janeiro: Casa do Psicólogo.
- Thomas, M. et al. (1997). Family sexual abuse. In J. Garbarino & J. Eckenrode (Orgs.), *Understanding abusive families: an ecological approach to theory and practice* (pp. 114-130). San Francisco: Jossey-Bass Publishers.
- World Health Organization (WHO) (1999). *Multi-country study on women's health and domestic violence*. Geneva: WHO.
- Xausa, I.A.M. (1988). *A psicologia do sentido da vida*. (2a ed.). Petrópolis: Vozes.
- Zago, M. M. F. (1977). Grupos de apoio/suporte e grupos de auto-ajuda: aspectos conceituais e operacionais, semelhanças e diferenças. *Revista de Enfermagem*, UERJ, 5(1), 359-66.

Enviado em: 22/05/2014

Aceito em: 04/08/2014

SOBRE OS AUTORES

Lorena Bandeira da Silva. Graduada em Psicologia pela Universidade Estadual da Paraíba, Mestranda em Ciências das Religiões pela Universidade Federal da Paraíba. Professora substituta da Universidade Estadual da Paraíba.

Denis Victor Lino de Sousa. Graduando em Psicologia pela Universidade Estadual da Paraíba.

Edivan Gonçalves da Silva Júnior. Graduando em Psicologia pela Universidade Estadual da Paraíba.

Josiane de Aquino Nogueira. Graduanda em Psicologia pela Universidade Estadual da Paraíba e graduada em Pedagogia pela Universidade Federal de Campina Grande.

Leonam Amitaf Ferreira Pinto de Albuquerque. Graduando em Psicologia pela Universidade Estadual da Paraíba.